

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
HOMENAGEM A DAVID PUTTNAM
10 de novembro de 2022

CAL / 1984
(Tempo de Guerra)

Um filme de Pat O'Connor

Realização: Pat O'Connor / *Argumento:* Bernard MacLaverty, também autor do romance homónimo / *Direção de Fotografia:* Jerzy Zielinski / *Montagem:* Michael Bradsell / *Música:* Mark Knopfler / *Produção:* David Puttnam / *Produção Executiva:* Terence A. Clegg / *Casting:* Patsy Pollock / *Design de Produção:* Stuart Craig / *Direção Artística:* Josie MacAvin, Arthur Max (assistente) / *Guarda-roupa:* Penny Rose / *Interpretações:* Helen Mirren (Marcella), John Lynch (Cal), Donald McCann (Shamie), John Kavanagh (Skeffington), Ray McAnally (Cyril Dunlop), Stevan Rimkus (Crilly), Catherine Gibson (Mrs. Morton), Louis Rolston (Dermot Ryan), Tom Hickey (Preacher) / *Cópia:* 35mm, cor, falado em inglês com legendas em português / *Duração:* 102 minutos / *Estreia Mundial:* 15 de maio de 1984, Festival de Cannes / *Estreia Nacional:* 1 de agosto de 1985, Apolo 70, Lisboa / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Aviso: a cópia apresenta sinais de degradação cromática, ruído na banda sonora e alguns riscos e saltos na imagem.

Com a presença de David Puttnam

Há um aspeto na obra de O'Connor, cineasta entretanto perfeitamente “internacionalizado”, que já está presente neste seu primeiro filme rodado para cinema: um interesse pela história massacrada desse território cindido chamado (miticamente) Irlanda, a par de uma interrogação sobre os modos como se podia continuar a viver e, acima de tudo, a amar enquanto parecia não haver fuga possível a uma guerra vivida quotidianamente. Apesar das aparências, as tensões fratricidas – as convulsões históricas – são remetidas para “rodapé”, ao passo que o “texto principal” é ocupado pelos reflexos ou efeitos dessas mesmas turbulências no território do íntimo, na célula familiar e privada.

Se o traço pode parecer algo “grosso” no que diz respeito ao retrato da sociedade norte-irlandesa e à caracterização dos membros do IRA, nesta que é uma adaptação ao cinema de um romance homónimo de Bernard MacLaverty, a cargo do próprio escritor, o que sobressai é essa dimensão humana e sentimental – sussurrante e não sentimentalista – presente na história de amor que une o desempregado Cal, com ligações ao IRA, à bibliotecária Marcella, esta ainda a chorar a morte do marido, um polícia assassinado à queima-roupa. A centralidade conferida, digamos assim, à “arena sentimental” não retira força ou pertinência a **Cal**, na realidade e hoje podemos escrevê-lo, assinala precocemente um caminho muito intencional na obra de O'Connor. Em filmes como **Fools of Fortune** (1991) e até no mais recente **Private Peaceful** (2012), passando pelas várias *love stories* que filmou, nomeadamente em Hollywood (seguiu um caminho algo diferente dos compatriotas Jim Sheridan e Neil Jordan, ao optar pelo género mais açucarado do

romance em títulos como **Circle of Friends** [1995] e **Sweet November** [2001]), Pat O'Connor foi tornando mais óbvio – e menos subtil porventura – esse seu pendor delicodocce, fazendo, por vezes, dos acontecimentos da História – ou da sua raiz irlandesa – um mero pano de fundo para o tradicional *boy meets girl* de arrebatamento variável.

É curioso verificar um certo desejo de fuga nestes cineastas irlandeses – Sheridan, Jordan e O'Connor – traduzível numa espécie de delírio romântico, mais ou menos alegórico, posto em cena. Em Jordan a matriz realista transformou-se nitidamente num desejo pela fantasia (*vide* **Breakfast on Pluto** [2005] ou **Ondine** [2009]), ao passo que Sheridan – talvez o mais influente e talentoso cineasta irlandês da sua geração, hoje quase caído em esquecimento – assumiu a alegoria sentimental nas terras do Tio Sam (*vide* **In America** [2002]). O'Connor, por sua vez, apresenta esse “arrebatamento romântico” desde a raiz, *ainda em casa*, não sendo tão pronunciado o desvio quando emigra, pelo que “a fuga” em relação à História é um desejo antigo presente neste cineasta que, curiosamente, depois dos estudos em Los Angeles, na UCLA, e no Ryerson Institute, em Toronto, se iniciou no documentário televisivo, como realizador ao serviço da RTE, canal televisivo da República da Irlanda.

Independentemente da fuga, mais ou menos alicerçada num desejo de fantasia ou de não-conformação com as forças da História, O'Connor partilha com os seus compatriotas um semelhante investimento no trabalho do elenco. **Cal** vive da química estabelecida entre Helen Mirren (agraciada no Festival de Cannes) e John Lynch, mesmo que, como assinalou justamente alguma crítica à época, o elemento mais bonito e sentido deste filme acabe por ser a relação pai-filho, quer dizer, entre Lynch e Ray McAnally. A personagem do pai, um católico há muito alvo de ameaças por parte de milícias pró-britânicas, encarna, na sua solidão e desalento fatigado, o modo como – para citar o título português de **Cal** – aquele tempo foi de facto “de guerra”, ainda que pontual e mais ou menos silenciosa. Na realidade, por ter sido assim é que se confundia de forma tão intensa com o dia-a-dia, mascarando-se, habilidosamente, de “tempos de paz” (sobre a aleatoriedade fria deste conflito sempre “pronto a explodir”, veja-se **Elephant** [1989] do britânico Alan Clarke).

O filme de O'Connor, razoavelmente murmurante e “sugestivo”, tem como principal mérito aquilo que, em larga medida, “evita ser”, por exemplo, *não é* um “Romeu e Julieta do IRA” (porque a personagem de Mirren é também católica, aliás, porque já não amava o seu marido, mas isso pouco alivia a culpa do amado) ou, alimentando-se do clima geral de ódio, *não é* um filme de vingança (porque a personagem do dito amado, interpretada por Lynch, é cúmplice do assassinio do polícia, marido de Mirren, carregando consigo, na expressão e no gesto, a culpa incomensurável desse ato bárbaro, que tantas vezes reincide no tecido, já só mental, da narrativa). **Cal** não é isso – *sabe* não ser assim, quer dizer, “telenovelesco” – o que por si só lhe confere outra complexidade e outra dignidade face a alguns outros produtos paratelevisivos de estampa “realista”.

Luís Mendonça